



O TRIPEIRO

Director: Eng.º Francisco de Almeida e Sousa • Propriedade: Associação Comercial do Porto • Administração: Associação Comercial do Porto

Sede: Palácio da Bolsa — Rua Ferreira Borges — Telef. 200 27 28 — 4000 PORTO • Fotocomposição e Impressão: Tipografia Uniarte Gráfica — Porto

Dep. Legal n.º 11457/86 • Registo na D.G.C.S. N.º 107643 • Distribuição: Mário da Silva Braga, Lda. — R. Duque de Terceira, 271 — 4000 Porto

Tiragem 5000 exempl. • Revista Mensal • Preço 500\$00 • Assinatura Anual: 5.000\$00



**CAPA: Dr. A. Emílio de Magalhães
um dos fundadores da
Liga Portuguesa da Profilaxia Social**

7.ª SÉRIE
ANO XII / N.º 9
SETEMBRO * 1993

SUMÁRIO

«O Amor não é Amado» – OBRAS DE AMOR NO PORTO – 5 - A LIGA DA PROFILAXIA SOCIAL — Por Francisco de Almeida e Sousa	258
EVOcando OS ANTIGOS TRANSPORTES PÚBLICOS NO PORTO — O MUSEU DOS STCP EM MASSARELOS — Por João Afonso Machado	266
COISAS DO PORTO — O PASSEIO DA CARDOSA — Por José A. Rio Fernandes	271
SOLAR DOS COINDES DE RESENDE, EM VILA NOVA DE GAIA — Por Joaquim Costa Gomes	273
MANUEL PEDROSO COIMBRA — LIVREIRO E IMPRESSOR PORTUENSE — Por Manuel Leão	278
VELHAS RUAS DO PORTO — RUA DE CIMO DE VILA — Por Fernando J. Moreira da Silva	282
VIDA CULTURAL — HOMENAGENS – PROF. WALTER OSSWALD — LIVROS – OPCA - ARTES E LETRAS NA TRADIÇÃO DA CASA	284
ACONTECEU HÁ 50 ANOS	287

COISAS DO PORTO

O Passeio da Cardoso

Por JOSÉ A. RIO FERNANDES

Primeiro de um conjunto de artigos que procurarão ajudar à compreensão da importância de espaços, acontecimentos, ambientes e figuras da Cidade do Porto. Sob o título genérico de Coisas do Porto, pretendem os autores — geógrafos, docentes da Faculdade de Letras do Porto — contribuir para o reforço da memória colectiva e alertar para a importância da história na explicação de realidades actuais.

A DIRECÇÃO

A construção da Praça Nova das Hortas (ou simplesmente Praça Nova) em 1721 e a edificação marginal que se lhe seguiu, alterou radicalmente o panorama anterior, muito marcado pela muralha gótica (dita fernandina), que protegia o burgo do Porto e «fechava» a cidade. A Norte, para lá do muro, pelo menos até ao início do século XVIII, o ambiente era eminentemente rural e toda uma vasta área que inclui a Praça da Liberdade constituía uma única propriedade rústica — o Casal, ou Lugar de Pais (Paes) Novais (ou Nabais).

A regularização da Calçada dos Clérigos e a abertura da Rua de Santo António, as alterações introduzidas nos conventos dos Congregados e dos de S. Elói (Lóios) e a ocupação dos dois imóveis do topo Norte pelos Paços do Concelho (o primeiro em 1819 e o segundo 50 anos mais tarde), veio introduzir alterações arquitectónico-urbanísticas importantes. Mas, mais que isso, com os arruamentos entretanto abertos, prolongados ou melhorados por João de Almada (caso das ruas de 31 de Janeiro, Almada e Clérigos, respectivamente), conferiu-se a este espaço — a Praça Nova — uma imagem de centralidade e de referência urbana que alterações económicas e eventos históricos posteriores reforçariam.

O triunfo das ideias liberais após a guerra civil em que os absolutistas tiveram o apoio da generalidade das ordens religiosas, teve como consequência que a chegada ao poder de D. Pedro se fizesse acompanhar da extinção das ordens religiosas e, logo, da transferência das suas propriedades para as mãos do Estado. Vendidas umas, conservadas outras (e mais tarde em

alguns casos devolvidas), o certo é que alguns dos imponentes imóveis que associavam à cidade uma imagem de religiosidade, engrandecida pelo barroco de Nazoni, viriam a ser demolidos, ou transformados. Entre estes, incluem-se os conventos que formavam as fachadas Sul e Este da Praça Nova (denominada desde 1833 D. Pedro e mais tarde Praça da Liberdade, depois de um curto período em que teve por nome Praça da Constituição).

O convento de Santo António da Porta de Carros (ou dos Congregados de S. Filipe de Néry) passou para as mãos do brasileiro de torna-volta Manuel José Duarte Guimarães, que o transformou por forma a dar uso comercial às construções voltadas para a praça, enquanto que o ainda inacabado convento dos Frades Lóios era adquirido por um outro emigrante retornado do Brasil, residente na Foz, de seu nome Manuel Cardoso dos Santos. A sua morte e a transferência da propriedade para a esposa, assim como a crescente notoriedade da praça e do seu lado Sul, fizeram com que o nome desta perdurasse, passando à linguagem corrente como «a Cardoso», topónimo que serviu — e serve ainda — para identificar o imóvel e o passeio que o separa da via pública. E, se o edifício, como o dos Congregados, viu alterado os seus fins — para uso comercial também — a importância do lugar viu-se fortemente acrescida pelas profundas alterações ocorridas ao longo do século XIX e que fizeram com que a praça passasse a constituir o principal centro social, económico e político da cidade.

Na Praça de D. Pedro, os botequins (como o Guichard e o Camanho) do lado nascente, os restaurantes e casas de pasto a poente e os Paços do Concelho a Norte, formavam um conjunto que a tornavam o coração de uma cidade consideravelmente aumentada demográfica e urbanisticamente em consequência das profundas alterações introduzidas pelo processo de industrialização que revolucionou a economia e o tecido social. Mas, foi a Sul, no edifício «da Cardoso» que alguns dos principais estabelecimentos comerciais se instalaram, constituindo com 31 de Janeiro e Clérigos o eixo fundamental da cidade comercial da passagem do século. Por este facto e porque a praça atraía o trânsito de pessoas, com os seus cafés, restaurantes, câmara e estabelecimentos comerciais (sobretudo a Sul) — caso da Livraria Moré (da qual foram clientes Camilo, Augusto Luso, Eça, Guerra Junqueiro e Ramalho) e das prestigiadas relojoarias de Pierre Girod e de Germano Courrège — o passeio «da Cardoso» constituía sede de um movimento contínuo de pessoas e local de encontro e reunião privilegiado. A tal ponto que passou a ser vulgar ver-se encostados às paredes do edifício ou cavaqueando junto à rua um conjunto elevado de pessoas e designadamente alguns dos «notáveis» da cidade, fossem eles políticos (como Sampaio Bruno) ou escritores (como Guerra Junqueiro), a par de jornalistas em busca da notícia, ou de cidadãos anónimos (porventura aguardando a passagem das costureiras de Madame Férin) que chegaram a formar um clube de estatutos desconhecidos e duração efémera, a que chamaram de «Real Clube dos Encostados».

Era neste espaço, de encontro e reunião, centro social e de negócios que se exibiram cavaleiros e belas damas da sociedade, assim como os primeiros automóveis. A praça foi também o local de estacionamento do primeiro táxi e bem próximo iniciou o seu serviço o primeiro sinaleiro da cidade (no cruzamento da Praça de Almeida Garrett e da Rua de Sá da Bandeira com a Praça da Liberdade e a Rua de 31 de Janeiro). A praça era, em suma, o centro indisputado da cidade, o local de encontro predilecto e a sede territorial da inovação e da modernidade, mais tarde emblematicamente afirmada com a abertura da Avenida dos Aliados.

Aquário dos Imbecis e Pasmatório dos Lóios foram alguns dos topónimos com que a cidade presenteou o topo Sul da praça, mas o nome que perdurou continuou a ser o da viúva de Cardoso dos Santos (ou de suas filhas, as Cardosas), apesar das mutações que o espaço assistiu e do longo período de tempo que já lá vai desde que «a Cardoso» faleceu. Abriu-se a Avenida dos Aliados (1916), construiu-se a filial do Banco de Portugal, inaugurou-se o novo edifício dos Paços do Concelho (1954), abre-se a Via de Cintura Interna e discute-se o transporte de alta capacidade, mas, preenchido por um banco e de face restaurada, o belo edifício que fecha para o lado de Gaia e da Ribeira a praça-avenida idealizada por Elísio de Melo continua a ser «da Cardoso». Assim como o passeio por onde o trânsito de pessoas permanece intenso e que separa os automóveis e a estátua equestre de D. Pedro do edifício do topo Sul, continua a «pertencer-lhe» na linguagem dos portugueses.



Edifício da Cardoso, nos dias de hoje.